

## A TRANSMISSÃO DA EXPERIÊNCIA DO INCONSCIENTE NA UNIVERSIDADE

O artigo de Freud de 1910, *Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade*, foi escrito no calor das reações contrárias de parte do corpo universitário à inserção da teoria psicanalítica na formação médica. Mais de um século depois, a defesa enfática da presença da psicanálise na universidade – pelo menos por enquanto – não é mais necessária. Pelo contrário, são os cursos universitários de formação em psicologia que convocam o ensino da teoria e a supervisão clínica em psicanálise. A aposta feita por Freud em 1910 mostrou-se correta. Entretanto, ainda sobram mal entendidos de ambas as partes da contenda de outrora. Decerto que a compreensão da psicanálise como uma práxis normativa ou “visão de mundo” são equivocadas. Mas, não menos equivocado - e aqui entramos em terreno de visível beligerância – é o reducionismo que parcela dos psicanalistas tem na compreensão dos complexos e plurais campos da universidade, da psicologia e da ciência.

Este trabalho retoma a aposta freudiana na inserção da psicanálise na universidade através de uma pergunta: é possível a transmissão da experiência psicanalítica na universidade? Na tentativa de respondê-la, recorreremos ao próprio percurso freudiano. Partiremos inicialmente do que chamamos de “experiência do inconsciente” como suporte empírico da construção de uma “outra cena epistêmica”. No segundo momento, abordaremos a escrita freudiana como convite à experiência do inconsciente enquanto suporte empírico de uma episteme inédita. Por fim, trataremos do ensino da teoria psicanalítica como a possível construção de uma borda capaz de fazer emergir uma Outra Cena epistêmica.

A controversa correspondência entre Freud e Fliess foi um dos motores do que podemos denominar de “travessia da fantasia científicista” de Freud. Em termos de episteme, sua porta de entrada é a demanda freudiana a Fliess de uma resposta biológica ao enigma da neurose, resposta esta que promoveria a nascente psicanálise ao status de ciência natural. Trata-se da demanda assentada numa “miragem científica” estruturante do discurso universitário, movimento de um devir epistêmico reproduzido desde então por legiões de estudantes de psicologia. Para um Freud exilado compulsoriamente da universidade devido a seus “contos de fadas científicos”, Fliess ocupou o lugar de sujeito

suposto saber. Não de qualquer saber, mas, fundamentalmente, um suposto saber sobre o hipotético substrato biológico da neurose.

Demandado do lugar da ciência, Fliess responde a Freud com um saber sem furos, um curioso sistema delirante, que tem em períodos biológicos uma explicação inequívoca para o problema da neurose e outros de amplitude maior. Freud, por um breve momento, adotou a formulação do corpo periodizado do sistema delirante de Fliess, chegando inclusive a endossar com inúmeros dados seus, de pacientes e de familiares. Porém, no momento correspondente ao início da elaboração de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), impulsionado pelo real que insiste em não se inscrever no delírio de Fliess e pelo “bom encontro” com a materialidade do significante na clínica e nas próprias formações do inconsciente na chamada “autoanálise”, Freud opera uma mudança na posição de seu interlocutor, que cai da função de sujeito suposto saber da ciência e assume a mera função de leitor e testemunha de uma episteme emergente.

Deixando de lado a hipótese da “análise original”, o que interessa para o nosso trabalho é o movimento simultâneo entre a permeabilidade freudiana ao discurso universitário de Fliess, o insistente furo produzido nesse discurso pela clínica e a criação metapsicológica de uma borda teórica capaz de sustentar esse furo e, ao mesmo tempo, transmiti-lo pela via conceitual. O “vasto discurso endereçado a Fliess”, conforme Lacan chama a obra de Freud, consiste na tentativa de sustentação da Outra Cena enquanto episteme a ser transmitida aos representantes – delirantes ou não – da ciência. Não seria essa a tarefa do ensino da teoria psicanalítica na universidade?

Para além do trabalho conceitual, a escrita freudiana, principalmente nos livros canônicos em matéria de inconsciente, visa uma transmissão dessa outra cena epistêmica. Neles, não encontramos os hermetismos do discurso universitário. Freud escrevia para o leitor comum, ou melhor, para um hipotético “interlocutor esclarecido” que, da mesma forma e ao contrário de Fliess, mostrava-se atento e permeável à dúvida. Não se trata de uma escrita que propõe uma revelação da verdade pela via da doura pirotecnia. De forma acessível, utilizando significantes de uso comum, Freud, em diversas de suas obras, promove uma escrita que “conduz” o leitor, partindo das formulações hegemônicas no campo das ciências, das filosofias e do senso comum até um ponto em que uma “outra cena” se insinua. Freud, tal qual um marceneiro, produz fissuras, entalhes, nos saberes monolíticos.

Por sua vez, Lacan explorou em seu ensino a equivocidade do significante em função das mesmas fissuras produzidas por Freud através da escrita. De forma distinta de Freud, mas, por vezes, igualmente cooptado pelo discurso universitário, o ensino de Lacan ensinou na universidade e até mesmo nas escolas psicanalíticas o mimético “lacanês”, que, ao invés de entalhar no discurso universitário uma abertura para a experiência do inconsciente, produziu, na apreensão de alguns sujeitos, um discurso hermético ao melhor estilo universitário. As fissuras produzidas por Freud no discurso universitário – e nisso reside a diferença fundamental para Lacan - seguem as leis da sintaxe desse discurso. O volume colossal de metáforas biológicas, por exemplo, demonstra o quanto Freud se apropria dos saberes hegemônicos para subvertê-los no mais além da Outra Cena.

A empiria científica, segundo os preceitos fundantes de Bacon, assenta-se no experimento, que consiste, grosso modo, na observação, reprodução e mensuração do fenômeno. Freud, como descobriu a duras penas, não dispunha dos recursos metodológicos e epistêmicos das ciências naturais. Entretanto, a necessidade de uma empiria permanecia para este homem das ciências. Como permitir o acesso à empiria do inconsciente para quem não experimenta o tratamento psicanalítico? Freud, que num momento inicial esperava de sua autoanálise alívio para seus sintomas histéricos, acabou encontrando uma finalidade empírica para ela:

Minha análise prossegue e continua a ser meu principal interesse. Tudo ainda é obscuro, até mesmo os problemas, mas há um sentimento reconfortante de que basta que vasculhe a própria despensa para retirar dela aquilo que se precisa num determinado momento (FREUD, 1897 apud MASSON, 1986, p.277).

O que estava em jogo nesse ponto do percurso freudiano, momento que culminaria na elaboração de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), era o encontro de uma materialidade alternativa à biológica. Através da autoanálise, Freud encontra uma materialidade psíquica passível de ser demonstrada àqueles que não passavam pela experiência do tratamento analítico. O discurso universitário é o lugar por excelência da ignorância apaixonada daquele que supõe a verdade alhures, nas tramas do saber do mestre. Por outro lado, o apelo freudiano à experiência do inconsciente no cotejamento dos sonhos, bem como a construção conceitual a partir de um estilo de escrita decifrável por um “interlocutor esclarecido”, permitem ao ensino teórico da psicanálise a criação de um

campo mínimo de transmissão da outra cena epistêmica ensejada pela trama significativa do inconsciente. Claro que o ensino teórico da psicanálise está perigosamente a meio passo do discurso universitário, mas certo manejo que não se encontra em qualquer manual de didática e é produzido pelos percursos analítico e epistêmico pessoais do professor-analista permitem pensar, em termos topológicos, numa possível torção sujeito-episteme a partir da experiência do inconsciente, ou melhor, do vislumbre da existência de uma Outra Cena.

Contudo, retomando o lugar atribuído por Freud a seu leitor, o de um “interlocutor esclarecido”, precisamos pensar sobre aquele que ocupa os bancos universitários em disciplinas de teoria psicanalítica. Quem são nossos alunos? Em sua maioria, são estudantes de psicologia. Nesse aspecto, o significante “universidade”, geralmente compreendido numa única acepção, ganha novos contornos quando cotejado à luz de outros significantes. O termo “universidade”, de uso corrente na literatura psicanalítica, não dá conta das especificidades do campo epistêmico plural característico da psicologia. Afinal de contas, não é difícil perceber que há dessemelhanças consideráveis entre os campos epistêmicos de recepção da teoria psicanalítica nos cursos de engenharia e de psicologia, ambos na universidade. Precisamos pensar, portanto, sobre os complexos meandros conceituais que instituem um espaço de inserção da teoria psicanalítica.

Não será possível cotejar neste trabalho as distinções e aproximações epistêmicas entre a psicanálise e as inúmeras psicologias. A impossibilidade da tarefa não se deve apenas ao grande número destas, mas, principalmente, ao estado “caótico” e “disperso” do campo das psicologias, que assume conformações distintas de acordo com o curso e com o passar do tempo. Entretanto, mesmo diante da “torre de babel” epistemológica aqui caracterizada, é possível encontrar alguma lógica constituinte do campo em questão: as matrizes do pensamento psicológico.

Figueiredo divide as matrizes do pensamento psicológico em dois grandes grupos: as matrizes científicas e as matrizes românticas/pós-românticas. As matrizes científicas possuem como principal característica o fato de que

(...) a especificidade do objeto (a vida subjetiva e a singularidade do indivíduo) tende a ser desconhecida em favor de uma imitação mais ou menos bem-sucedida e convincente dos modelos de práticas vigentes nas ciências naturais. (Figueiredo, p. 24, 2012)

Destacamos inicialmente dessas matrizes o fato de serem definidas como “cientificistas” ao invés de “científicas”. O trecho acima transcrito evidencia a “imitação” feita por essas matrizes do pensamento psicológico de aspectos metodológicos próprios das ciências naturais. As matrizes científicistas buscam por empréstimo nas ciências naturais uma precária garantia de cientificidade que serve apenas para escamotear um saber faltoso sobre o fenômeno psíquico. Partindo de modelos oriundos da física, da química e da biologia, as matrizes científicistas tentam produzir um saber sem falta sobre os fenômenos psíquicos, como se eles tivessem as mesmas características passíveis de generalizações, mensurações e previsões encontradas nas orbitas planetárias ou nas reações químicas, por exemplo.

Do outro lado estão as chamadas matrizes românticas/pós-românticas do pensamento psicológico. Elas se caracterizam pela ênfase na impossibilidade de apreensão do objeto pelas vias do cientificismo. Porém, ao mesmo toque em que essas matrizes evitam o engodo do projeto científicista, caem no terreno movediço da arbitrariedade e da recusa de rigor metodológico. As matrizes românticas/pós-românticas, com a exceção do estruturalismo,

(...) divulgam o culto da experiência única, irreduzível, intransferível e incomunicável, uma mística da liberdade de escolha individual e do indeterminismo. No altar desta nova religião está colocado o “indivíduo”, a “liberdade” e outras imagens do gênero, sem que se coloque com seriedade uma análise das condições concretas que poderiam permitir sua realização. (Figueiredo, p. 38, 2012)

Enquanto as matrizes científicistas apelam para um hipotético saber sem furo através de um rigor metodológico excessivo, as matrizes românticas/pós-românticas abandonam de partida qualquer intenção de um saber consistente em função do “bom encontro” com a experiência psíquica autêntica, conforme, por exemplo, as práticas denominadas “vivências” explicitam. Os dois conjuntos de matrizes em questão revelam um impasse quanto ao lugar do saber no campo da psicologia. Enquanto nas científicistas há um saber excessivo que se impõe ao fenômeno psíquico, nas românticas/pós-românticas as nuances vivenciais e subjetivas são exacerbadas em detrimento da produção de um saber capaz de desenvolver uma inteligibilidade a partir de bases sólidas.

Eis uma compreensão mínima do campo de recepção da teoria psicanalítica nos cursos universitários de psicologia. De um lado, um saber douto excessivo que objetiva o sujeito. De outro, um saber carregado de plenitude ontológica. Como transmitir a outra cena epistêmica da psicanálise nesse cenário?

Os cientificismos e os romantismos produzem os sujeitos da episteme que terão como tarefa – para aqueles que se colocam essa tarefa – a apreensão da teoria psicanalítica. Resultado inevitável: a psicanálise tende a ser comparada às psicologias, ou seja, encaixada nas estruturas conceituais prévias do cientificismo e do romantismo. Daí a aparência delirante da teoria psicanalítica para certo cientificismo e a “cruza” que a psicanálise apresenta diante de certos ideais românticos. O fato é que o ensino da teoria psicanalítica nesse contexto, caso não queira estar inserido no campo das abstrações denunciadas por Freud em *A Questão da Análise Leiga* (1926), deve fazer referência e, mais ainda, evocar a cisão própria da Outra Cena epistêmica.

Conforme Freud construiu ao longo de sua obra, a experiência do inconsciente é inserida pelo bordejamento metapsicológico no campo dos discursos das ciências. Mas, a inscrição no discurso científico, por si só, não transmite essa experiência. Resta uma alternativa empírica capaz de suportar o saber teórico em questão: a própria vida cotidiana através dos chamados “fenômenos lacunares da consciência” como o sintoma, o lapso, o ato falho, o chiste e, principalmente por seu caráter de estranhamento, o sonho. Tudo aquilo que da experiência singular permite entrever uma racionalidade à revelia da racionalidade e do controle conscientes. Mais do que isso, o inconsciente é aquilo que de alguma forma desaloja o sujeito do cogito cartesiano de seu lugar quase que divino, é aquilo que insere o sujeito, com o perdão da redundância, no campo da sujeição ao Outro e seus significantes. O inconsciente, rigorosamente falando, não passa de um conceito que faz referência a esses fenômenos. Não há nada de místico ou de substância aristotélica nos fenômenos inconscientes.

É nesse estranhamento proporcionado por essa outra racionalidade que se impõe que o aluno pode experimentar em si, de forma absolutamente singular, o inconsciente e a divisão psíquica resultante. Para tanto, o relato de situações cotidianas e o pedido para uma atenção mesmo que precária a esses fenômenos geralmente negados, ignorados ou mesmo inscritos no campo de outro saber, são suficientes para promover a emergência,

embora incipiente, de um vislumbre. De qualquer forma, foge-se dessa forma das abstrações e traz-se a materialidade da experiência.

Há uma recepção diferente da psicanálise conforme a matriz psicológica em questão. Mas, como o próprio Freud sinaliza no artigo *A Questão da Análise Leiga* (1926), a recepção à teoria psicanalítica depende da experiência que o ‘interlocutor imparcial’ tem com seu próprio inconsciente. Aí está o nosso campo de empiria. Não caberia ao ensino da psicanálise na universidade a pretensão de promover as condições para o estabelecimento desse singular campo de empiria, que é a experiência do inconsciente? Nesse caso, o professor, atravessado por sua própria experiência, sensibiliza seus alunos quanto às formações do inconsciente, ensejando a transferência com o discurso analítico. Dessa forma, a aposta freudiana por alguma transmissão possível via ensino se renova.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FIGUEIREDO, L.C.M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FREUD, Sigmund. Volume IV (1900): A Interpretação dos Sonhos. In: **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Volume V (1900): A Interpretação dos Sonhos. In: **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Volume XVII (1910): Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Volume XX (1926). A Questão da Análise Leiga. In: **Um Estudo Autobiográfico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Novos Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. (1960-1961). **O Seminário Livro XIII: A Transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

MASSON, Jeffrey M. **A Correspondência Completa de Freud para Fliess (1886-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.